

ACM: vitória de Lula seria o caos

Cecília Nascimento e Luís Eduardo Leal*
de São Paulo e Brasília

04 JUN 1998

Se depender do senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), o presidente Fernando Henrique Cardoso não precisará se preocupar em atacar seus adversários. Ontem o presidente do Senado assumiu definitivamente o lugar de trator do governo, vago desde a morte de Sérgio Motta, ao criticar o candidato da frente de oposição à presidência, Luiz Inácio Lula da Silva. Ao final da cerimônia sobre a Semana do Meio Ambiente, no Palácio do Planalto, ele disse que qualquer alternativa à reeleição seria o "caos".

"A reeleição é uma coisa que o País deseja e é indispensável para a estabilidade, para a competência predominar na administração pública, porque fora daí seria o caos", afirmou.

ACM disse que vai participar "informalmente" de tudo que disser respeito à reeleição de Fernando Henrique. E não perdeu a chance de chutar o PT quando questionado se relacionava o "caos" a Lula e a Ciro Gomes, candidato do PPS. "Não falei sobre o Ciro porque ele não está numa disputa efetiva", respondeu. "Falei em relação ao Lula, com quem tenho também relações pessoais, mas o próprio PT sabe que ele não tem condições de governar."

O presidente do Senado também comentou o desempenho de FHC nas pesquisas, que indicam descontentamento da população especialmente com a área social. "Na área econômica o governo está bem e na social está fazendo muito, mas não está chegando ao conhecimento popular", defendeu. "Quando se faz a coisa e ela não aparece, evidentemente não se tem o lucro político."

Enquanto ACM batia na oposição em Brasília, o ex-presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, amenizava, em São Paulo, a importância econômica das eleições. Adotando uma posição completamente diversa, Loyola disse que, mesmo se o presidente não for reconduzido ao cargo, os investidores estrangeiros continuarão no Brasil. "Não investiram durante tanto tempo na Rússia e Indonésia?", questionou, referindo-se aos lucros que esses países deram, independentemente de quem os governava. "Não há motivos para que o mercado acredite que ele não será reeleito", garantiu. "Se não for, também não é o fim do mundo."

As afirmações foram feitas durante palestra no Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças (Ibef). Loyola disse que acredita na reeleição de Cardoso e prevê uma situação tranqüila, do ponto de vista macroeconômico, nos próximos seis

meses. "O mercado esquece noções rudimentares de estatística, existem vários critérios para se fazer uma pesquisa", explicou.

Loyola afirmou que os problemas sociais do Brasil são graves, mas não são suficientes para indicar "dificuldade eleitoral, por enquanto". Contrariando novamente ACM, que insiste na tese de que o PT não tem condições de governar o País, Loyola disse acreditar que a posição pode muito bem fazer um programa de governo consistente. "O partido tem economistas em condições de fazer um projeto", afirmou. "Agora, se vai ser aceito é outra questão."

O consultor avaliou que o momento conjuntural é difícil para Cardoso por conta do desemprego e porque ele não tem campanha estruturada. Loyola, também ressaltou a importância das reformas nas áreas previdenciária, tributária, mercado de trabalho e sistema financeiro, e fez uma crítica velada ao governo. "Até o momento não houve vontade política para reformar o sistema financeiro", disse. Quanto ao desemprego, Loyola disse que aqui, "essa questão fere mais do que na Europa, por exemplo, porque está dentro de uma economia perversa de distribuição de renda, aliada a serviços básicos de péssima qualidade".

* do InvestNews